

UMA LÍNGUA QUE NÃO SE DEIXA IMOBILIZAR: OS PROCESSOS FONOLÓGICOS E A NOÇÃO DE LÍNGUA DA ANÁLISE DO DISCURSO

A language that does not allow itself to be immobilized: the phonological processes and the language notion of discourse analysis

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset¹

RESUMO

Este estudo, ancorado no arcabouço teórico da Fonologia e da Análise do Discurso de escola franco-brasileira, busca investigar a ocorrência de processos fonológicos que podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos e a classificação desses processos fonológicos em função das alterações que ocorrem nos segmentos (SEARA *et al.*, 2017). Este estudo auxilia a compreensão de que as línguas são dinâmicas e não cabem nas coerções das normas, pois se constatou a ocorrência de muitos processos fonológicos a partir do corpus analisado. Nesse entremeio, inferimos que o entrelaçamento desses conhecimentos pode contribuir com o embate contra o preconceito linguístico. Palavras-chave: Processos fonológicos. Língua. Fonologia do Português Brasileiro.

Abstract

This study, anchored in the theoretical framework of the Phonology and the Discourse Analysis of Franco-Brazilian school, from archive - recorded interview -, investigates the occurrence of phonological processes that can alter or add articulatory traits, eliminate or insert segments and classification of these phonological processes as a function of the changes that occur in the segments (SEARA et al., 2017). This study supports the understanding that languages are dynamic and do not fit into the constraints of norms, since it has been verified the occurrence of many phonological processes from the corpus analyzed. At this juncture, we infer that the intertwining of this knowledge can contribute to the struggle against linguistic prejudice.

Keywords: Phonological processes. Language. Phonology of Brazilian Portuguese.

Recebido em 6 de dezembro de 2018

Aceito em 13 de março de 2019

É, pela interpelação da língua pela língua se misturando na língua, pelo sujeito da língua, que nos constituímos.
(SCHERER, 2005, p. 5).

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se a auxiliar na compreensão de que as línguas são dinâmicas e não cabem nas coerções das normas. Problematizamos que há uma tentativa ilusória de estabilizar sentidos, pois, conforme afirmamos em outro texto (LORENSET, 2013, p. 158), “a língua é viva e está na boca do povo, afirmação anônima que enuncia a evolução irrevogável do idioma bem como evidencia que seus usuários são aqueles que propiciam alterações contumazes” até chegar o momento inevitável em que o dicionário e a gramática as abarcam e as incorporam em seu léxico.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fronteira Sul; doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina; professora.rossaly@gmail.com

En(tre)laçando as teorias da Fonologia e da Análise do Discurso de escola franco-brasileira, a partir de arquivo – entrevista gravada –, investigamos a ocorrência de processos fonológicos que podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos e a classificação desses processos fonológicos em função das alterações que ocorrem nos segmentos (SEARA *et al.*, 2017). Realizou-se a partir de um corpus composto por uma entrevista gravada, cuja transcrição parcial está contemplada neste estudo, com um informante residente na Cidade de Pato Branco, Estado do Paraná, identificado como Locutor A, sexo masculino, estado civil solteiro, cujo nível de instrução é o curso superior. A inquiridora foi a autora deste estudo, e foram temas da entrevista diálogos referentes à família, à infância, à escolaridade, fatos marcantes da vida, lazer, amizades, trabalho, livros e filmes preferidos. Uma parcela dos dados e a discussão empreendida serão expostas neste artigo.

Dividimos este artigo, além das breves palavras introdutórias e das considerações finais, em duas partes principais: i) noção de língua da Análise do Discurso franco-brasileira; ii) processos fonológicos com investigação de alterações ocorridas a partir do corpus deste estudo.

2 A NOÇÃO DE LÍNGUA DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua
de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
(VELOSO, 2003, p. 290).

Para iniciar a abordagem da noção de língua da Análise do Discurso de escola franco-brasileira, apoiamo-nos na epígrafe, excerto da canção *Língua*,² em que Caetano Veloso, pelas artimanhas da linguagem, em sua complexidade e heterogeneidade, brinca com o jogo semântico das palavras e canta as glórias de uma língua viva, dinâmica, fluida, as quais, atravessadas pela melodia, ganham materialidade e se mostram das mais diversas maneiras. Inicia com a palavra “gosto”, que pode remeter ao gostar no sentido de ter preferência por algo, como também do sentido do paladar – língua como parte do corpo e não apenas linguagem, objeto da fala. Sentimos “gosto” quando nos apropriamos da língua imaginária? Ou ela é só coerção? Gostar de “roçar a língua de Luís de Camões”, mais que conotação de prazer no encontro de duas línguas, é o encontro/desencontro pela fala do escritor português de *Os Lusíadas*, nossa referência em Língua Portuguesa no além-mar, com a nossa Língua Portuguesa, no aquém-mar do Brasil. Indagamos: estará o poeta sublinhando o “desejo” de o brasileiro tocar a língua imaginária do além-mar português? E deparamo-nos com a língua fluida ao “confundir prosódias” e os seus híbridos tipos de fala, sotaques, ritmos, acentos, misturando tudo em um amálgama poético. “Paródias” em profusão remetem à forma de cantar ao lado do original, mas que o transforma e o ironiza. Entendemos que Veloso (2003) aborda a função da paródia de “encurtar as dores e furta as cores” como camaleão, ilustrando a heterogeneidade e a pluriculturalidade brasileira. Assim, pelas palavras dessa epígrafe, deixemos “que digam, que pensem, que falem” e vamos enredando a trama teórica deste estudo. Nesta perspectiva, buscando compreender a noção de língua, lemos com Dias (2001, p. 187) que “a questão da língua no Brasil tem suas raízes na profunda separação entre língua escrita e língua falada.”

Nesse sentido, o excerto epigrafado pode contribuir para entendermos um princípio da Análise de Discurso: de acordo com Orlandi (2012), o real do discurso é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falha, o equívoco, a produção de efeito de contradição, constitutivas tanto do sujeito quanto do sentido. Em sentido antagônico, na instância do imaginário temos a produção de unidade para tamponar o real e a falta dele constitutiva, “a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição.” (ORLANDI, 2012, p. 74). É nessa articulação entre o real e o imaginário que a língua funciona.

Assim, concordamos com Orlandi (2013) ao se considerar o contato histórico e cultural entre as línguas: em 1984, a partir do contato que teve com culturas indígenas brasileiras, Orlandi (2013) refuta a cristalização da língua e

² Álbum do Disco Velô. 1984. Disponível em: <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/caetano-veloso/lingua/95620>. Acesso em: 23 dez. 2017.

a concepção de matéria imóvel, sem história e incapaz de influir em processos e formas das línguas com que estão em contato; foi, então, que considerou importante propor a distinção entre língua imaginária e língua fluida: “a língua imaginária é a que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluida é a que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas.” (ORLANDI, 2013, p. 22). Pelo aporte teórico, observamos que Análise de Discurso é movimento, e, pela porosidade da língua, escapam equívocos e fissuras.

Orlandi e Souza (1998) levantaram algumas hipóteses discursivas acerca das línguas indígenas – notadamente o tupi –, sem incorrer no risco do etnocentrismo e sem cair no preconceito linguístico de que as línguas indígenas são diversas das línguas de civilização, abstendo-se do preconceito de considerar extravagante o que não é peculiar do ambiente cultural nativo. As autoras apontaram a possibilidade de risco oposto: projetar sobre as línguas indígenas os modelos de sistematização de uma língua ideal – imaginária –, que por ter um retorno sobre o real, modela-o. “As línguas-imaginárias são as línguas-sistemas, normas, coerções, as línguas-instituições, a-históricas.” (ORLANDI; SOUZA, 1998, p. 27-40). Deduz-se que, por ser construção, é a sistematização que faz com elas percam a fluidez e se fixem em línguas imaginárias.

Sob este prisma, língua imaginária é a que os analistas fixam na sistematização, por modelos rígidos de gramática e de escrita – que se traduz em nosso modo disciplinado de relação com a linguagem –, e língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas. A língua fluida é a que pode ser observada e reconhecida quando se analisam os processos discursivos em suas condições de produção, que fazem parte da exterioridade linguística.

Conquanto haja certa estabilização de sentidos, nem a língua imaginária, tampouco a língua fluida são fechadas, estanques: não dicotomizamos nem como línguas homogêneas, nem como línguas totalmente heterogêneas – em quaisquer uma delas há discursividades dominantes. De acordo com Orlandi (2003) e Pfeiffer (2000), há discursividades dominantes, e o discurso fundador se faz em uma relação de conflito com o processo de produção dominante de sentidos, produzindo uma ruptura, um deslocamento.

É importante compreender, ainda consoante Orlandi (2003, p. 7), que não há controle pessoal ou coletivo dos processos e da história de que sujeitos e sentidos participam: há a aparência de controle e de certeza dos sentidos porque as práticas sócio-históricas são regidas pelo imaginário, que é político. Assim, compreendemos com Henry (2003, p. 151) a impossibilidade de se fechar a questão do sentido, pois, cientificamente, toda tentativa de resolvê-la definitivamente só pode ser um engodo, já que deriva de reflexão filosófica. Sob esse prisma, a língua, tecido da memória, não pode desconsiderar as condições de produção que subjazem no discurso, já que o discurso é afetado pelas condições de produção, que configuram as relações entre o sujeito, a língua e a história.

O processo de contato e transformação é próprio da história das línguas. É próprio à língua que ela se desloque no tempo e no espaço, seguindo o movimento de sua historicidade. Segundo Payer (1999, p. 10), compreendemos a questão de como aparece a relação de sujeito com a língua e o processo de constituição do indivíduo: a língua, em seu modo específico de inscrição histórica e de existência material, consiste, pela memória discursiva que a acompanha, de um material inseparável do sujeito que ela constitui.

Nesse ínterim, Gadet e Pêcheux (2010) defendem, no texto *Língua Inatingível*, que em linguagem nada é respondido definitivamente e sempre retorna. Nesse sentido, Orlandi (2009) relata sua experiência como autora em Análise do Discurso: “*resta que me ficam claras a materialidade de nossa língua e a materialidade da história em que essa língua se inscreve*” (ORLANDI, 2009, p. 6, grifo nosso). Concordamos com a autora: **há um atravessamento**, seja pelo imaginário constituído pelos discursos do poder, seja pelo dos especialistas da língua com suas formas de construir a língua-ficção, a língua normatizada, a língua padrão, ou seja, a língua imaginária com a qual lidamos ao longo de nossas existências na relação com a língua fluida.

No processo linguístico-histórico haverá sempre uma marca de origem, dupla, que Orlandi (2009, p. 89) denomina “disjunção necessária”, que fará ressoar a nossa memória duplicada em efeitos para fora e para dentro de nosso território linguístico. É nessa heterogeneidade linguística que ressoa em nossa história como efeito da colonização. De acordo com a autora, há discursos sobre a língua mobilizando de forma desigual nossa memória e produzindo diferentes relações de alteridade: a língua comum, brasileira, o português de Portugal e a língua geral (tupinambá), falada na costa brasileira nos dois primeiros séculos da colonização e depois invadindo o interior com as bandeiras e as entradas.

Conceber o homem como ser histórico corresponde a concebê-lo como ser de linguagem, como ser significativo, e vice-versa, pois, para Orlandi (2009, p. 100), o homem como sujeito que fala é um ser histórico. Daí o interesse da

Análise de Discurso em compreender a relação histórica entre o homem e a língua. Importa conhecer a história, o modo de formação da língua nacional – dos instrumentos linguísticos – que significam uma extensão da relação do falante com sua língua. Uma língua não vive por si, há a incidência do político. Várias denominações e sujeitos que ela engendra: língua nacional, língua de Estado, língua oficial, língua materna, entre outras. Para Orlandi (2009, p. 119), esta é a perspectiva que vê a língua como um objeto simbólico afetado pelo político e pelo social intrinsecamente.

Apresentamos, neste artigo, um conceito nodal à Análise de Discurso: a noção de língua que, sob esse viés teórico, é de incompletude, de heterogeneidade, não é um sistema fechado nem perfeito, nem pronto, tampouco acabado. Na perspectiva discursiva, a língua é entrelaçada à exterioridade e é concebida como uma materialidade que constrói, que produz sentidos na relação do sujeito com o ideológico e o histórico, em um sistema em constante movimento, logo, passível de falhas, de equívocos como fatos estruturantes, de deslizos. A língua, sob a óptica discursiva, é a materialidade específica do discurso, marca da historicidade inscrita na língua: a língua é passível de rupturas, de fissuras e de brechas por onde sentidos outros transbordam, deslocando-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.

Assim, a língua do analista de discurso é a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua: “é a língua da indefinição do direito e do avesso, do dentro e fora, da presença e ausência.” (FERREIRA, 2005, p. 17).

E por esses traços do dentro-fora, presença-ausência que são constitutivos da língua da Análise do Discurso, importa ressaltar que há outras noções de língua não abordadas aqui:

1) A língua do exílio, a qual o escritor James Joyce (apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 34) evoca é o aprisionamento em uma forma linguística, separado de sua língua idealmente materna, “em exílio”. O autor comenta que é necessário fazer com que as línguas não sejam mais ilhas, que se possa fazê-las passar umas através de outras, e aquelas em que “diz exílio, diz tristeza”. O autor ainda aponta que o riso, o mais generoso dos risos, “um riso de embriaguez”, pouco a pouco, vence essa *língua de exílio*, o riso é “o grande trabalho de fermentação das palavras” (“*La langue de l'exil*”, Le Monde, 05-02-1982) (AUTHIER-REVIZ, 2004, p. 34).

2) A língua transnacional: para Orlandi (1998), a noção de transnacional ocorre à medida que “global” apaga a existência dos limites entre os países e coloca em jogo o transbordamento de fronteiras. Dessa forma, a globalização, ao reduzir o universal ao seu aspecto pragmático, desconsidera a historicidade e a materialidade dos fatos simbólicos que constituem a memória nacional. Zoppi-Fontana (2009, p. 22) assinala que transnacional “consiste em considerar as imagens produzidas nos processos discursivos que interpretam e significam a língua nacional como uma ‘língua de comunicação internacional’.”

3) A língua da vida: buscamos sentidos para *língua da vida* em Gadet e Pêcheux (2010, p. 21), que a mencionam ao estudarem as origens pré-científicas da linguística, produzidas no momento da formação das línguas nacionais e desenvolvidas sob dois eixos ideológicos do direito e *da vida*: “essa conjuntura é traçada pelo fio subterrâneo das loucuras languageiras (algumas vezes oficializadas, outras vezes reconhecidas numa glória póstuma, outras ainda definitivamente recusadas) nas quais os segredos da língua afloram na forma parodística do delírio.” (GADET; PÊCHEUX, 2010, p. 21). Também em Furlanetto (2010, p. 301), que contextualiza a importância epistemológica da concepção dialógica e da concepção estendida de gêneros do discurso em Bakhtin e suas implicações e consequências para a vida comunitária. Para a autora, a atitude monológica diante de sujeitos não tratados como interlocutores sufoca o direcionamento ao outro, a expectativa de resposta e as ressonâncias dialógicas sobre o que foi enunciado anteriormente, produzindo o efeito de meras paráfrases que lembram a natureza da oração, tal como em um tratamento meramente linguístico. A vontade discursiva, o projeto de dizer precedente, é malogrado, porque “se desliga a *língua da vida* circundante, e a vida não pode insinuar-se na língua. Nessa correnteza, esmaece toda a força da cultura dialógica, que é sustentáculo dos gêneros.” (FURLANETTO, 2010, p. 301, grifo nosso).

Entende-se que a ciência é uma explicação provisória da realidade e que novas formulações são inerentes ao fazer científico. É pelo cruzamento de vozes que concordam ou polemizam entre si que se constroem novas verdades. Assim como as línguas, as teorias também mudam com o passar do tempo.

3 PROCESSOS FONOLÓGICOS: A INVESTIGAÇÃO DE ALTERAÇÕES OCORRIDAS A PARTIR DO CORPUS DESTE ESTUDO

Todo aquele que não estudou cuidadosamente os falares de sua língua, não a sabe além da metade. (NODIER, Charles³).

Na visão de linguista, entendemos que a ciência Linguística, como qualquer ciência, descreve seu objeto como ele é, não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser: examina a língua de forma independente, livre de preconceitos sociais ou culturais. Ao observar a língua em uso, o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um padrão – moral, estético ou crítico. Julgamentos não são efetuados pelo linguista, cuja função é estudar a expressão linguística como fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado: o complexo fenômeno da linguagem não compreende apenas as propriedades formais do sistema linguístico nem as exclui, mas se abre para outras abordagens que considerem o contexto, a sociedade e a história.

Por conseguinte, na posição de cientista da linguagem, abstermo-nos de julgamentos e estudamos a expressão linguística e o complexo fenômeno da linguagem como merecedores de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado. A língua da Análise do Discurso é “aquela da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência.” (FERREIRA, 2005, p. 17).

Segundo Pêcheux (2012, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” Sob essa óptica, serão abordados os processos fonológicos e a relação com a língua, deslocando e deslizando da concepção sistêmica de língua fechada em si mesma, pois em lugares homogêneos sempre despontam algumas singularidades.

A Fonologia é a ciência que estuda o som distintivo da fala, os fonemas com variação: é o estudo dos sons de determinada língua do ponto de vista funcional da comunicação. De acordo com Seara *et al.* (2017, p. 21), a Fonologia

tem por objetivo descrever aquilo que é distintivo, aquilo que tem função na língua. [...] O estudo da Fonologia neutraliza as variações intrínsecas à produção dos sons pelos falantes para explicar como ocorre o processo de comunicação e os fenômenos sistemáticos das línguas naturais.

Dessa forma, a preocupação da Fonologia é tratar de sons que distinguem o significado das palavras, bem como organizar, postular regras e entender como ocorre a variação na realização efetiva dos sons. Ainda consoante Seara *et al.* (2017), os fonólogos lidam com a organização mental da linguagem, identificando os sons que servem para distinguir uma palavra da outra, ou as regularidades de distribuição dos sons captadas a partir daquilo que o falante produz, ou ainda os princípios que determinam a pronúncia das palavras, frases e elocuições de uma língua. Ratificamos que a língua que será evidenciada pela Fonologia neste estudo será o português brasileiro.

De acordo com Seara *et al.* (2017, p. 140), os processos fonológicos são as modificações que os morfemas sofrem quando se combinam com outras palavras. Eles podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos, e esses processos fonológicos podem ser classificados em função das alterações que ocorrem nos segmentos. De acordo com Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991, p. 90):

Processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, em lugar de uma classe de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica em todos os outros sentidos, porém desprovida da propriedade difícil.

Apresentamos, no Quadro 1, processos fonológicos presentes no português brasileiro. Para percebermos as alterações que ocorrem nos segmentos, devemos observar as transcrições correspondentes. O Quadro 1, do corpus

³ Charles Nodier (1780-1844), escritor francês, poeta, crítico, filólogo, teórico literário, romancista, porém mais conhecido como o erudito dedicado à linguística e à entomologia, além de ter sido bibliotecário do Arsenal de 1824-1830 (CAMARINI, 2009). Camarini (2004, p. 12) chama atenção para o fato de que Nodier se dá conta de que é preciso reinventar uma língua que devolva a poesia do mundo, de maneira a embalar a agonia do século, a extrair dele um último grito de vida.

analisado, não esgota nem há a pretensão de listar todos os processos fonológicos existentes e categorizados, contudo, a partir do corpus analisado, apresentam-se os processos que mais foram identificados na entrevista efetuada.

Quadro 1 – Processos fonológicos presentes no PB do *corpus* analisado

Processo fonológico	Qual alteração/mudança provoca no item lexical	Alguns exemplos de transcrição extraída do corpus analisado
Epêntese	Acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema (inserção no meio da palavra).	administração > [adj̥imministra'sãw] adaptação > [adapeta'sãw] obstáculos > [obes'takulos] talvez > [taw'veyz] três > ['treyz] faz > ['faiz] batalha > [bata'lyã]
Aférese	Supressão, apagamento, queda de fonema no início da palavra.	estou > [s'tow] avô > ['vo] estudar > [stu'da] história > [s'torjã] você > [o'ce] esforço > [s'forso] está > ['ta]
Síncope/ monotongação	Supressão, apagamento, subtração de fonema no interior da palavra.	solteiro > [sow'tero] para o > ['pro] poucas > [po'kas] colégio > [co'lezo] primeiro > [pri'mero] madeira > [made'ra] madeira > [ma'dera] deixa > ['defã] verdadeiro > [verda'dero] faixa > ['fãfã] lavoura > [la'vora] financeiro > [finã'cero]
Apócope	Supressão, apagamento, queda de fonema no final da palavra.	viagem > ['viaze] marcou > [mar'ko] brincar > [brin'ka] divertir > [d̥jiver'tjĩ] preocupar > [preoku'pa] pegar > [pe'ga] desenvolver > [dezēvol've] dedicar > [dedjĩ'ka] sou > ['so] tirar > [ti'ra] completar > [kõmple'tã] auxiliou > [ausili'o] estudar > [stu'dã] fazer > [fa'ze] viajar > [via'za] servir > [ser'vi] dar > ['dã] discutir > [d̥jĩsku'tjĩ] propiciar > [propisi'a] conhecer > [coje'se] viver > [vi've] tiver > [tjĩ've] ficou > [fi'ko] imaginar > [imãzi'na] assumir > [asu'mi] coragem > [kora'ze] debater > [deba'te] poder > [po'de] melhorar > [melyo'ra]

Processo fonológico	Qual alteração/mudança provoca no item lexical	Alguns exemplos de transcrição extraída do corpus analisado
Vocalização	Transformação de uma consoante em vogal.	litoral > [lito'raw] Brasil > [bra'ziw] voltamos > [vow'tamos] cão > ['kāw] ação > [a'sāw] rio > ['riw] sul . ['suw] difícil > [dʃi'fisiw] natal > [na'taw] profissional > [profisio'naw] desenvolver > [dezēvow've] fácil > ['fasiw] alguém > [aw'gēj] alguma > [aw'guma] cultural > [kuw'turaw] internacional > [ĩternasio'naw] reviravolta > [revira'vowta] ágil > ['aʒiw] multinacionais > [muwtinaʒjo'najs] naturalmente > [naturaw'mēte] social > [so'siaw] final > [fi'naw] possível > [po'sivew] Celinauta > [seli'nawta]
Palatalização	Transformação de um ou mais fonemas, originando uma consoante palatal.	vinte > [vin'tʃi] Dietrich > [dʃie'triʃ] dias > ['dʃias] administração > [adʃimministra'sāw] tive > ['tʃive] atividades > [atʃivi'dades] estudantis > [istudan'tʃis] diretórios > [dʃire'tɔrios] política > [po'litʃika] divertir > [dʃiver'tʃi] dedicar > [dedʃi'ka] distritais > [dʃistri'tais] discutir > [dʃisku'ti] dia > ['dʃia] tivemos > [tʃi'vemos] sentido > [sē'tʃido] dinâmico > [dʃi'namiko] incentivaram > [isētʃi'varaw] otimismo > [otʃi'mismo]
Sândi	Apagamento de vogais entre palavras.	que eu > ['kew] que é > ['ke] se eu > ['sew] na área > ['narja] Rio Grande do Sul > [riogrã'dosuw] vinte e três > [vintʃi'trejs] para a educação > [praeduka'sāw] nos outros > [no'zotros]

Fonte: o autor.

Observamos que são muitos os processos fonológicos que ocorreram a partir desse corpus, seja na realização das consoantes, das vogais ou da estruturação silábica. Também pontuamos que outros processos fonológicos não ocorreram na análise desta pesquisa, dentre eles podemos citar *paragoge* – não ocorreu inserção de fonema em final de palavra – e *metátese* – não ocorreu troca de fonema de um lugar para outro, troca de posição silábica, reordenação dos sons dentro da mesma palavra.

4 CONCLUSÃO

Sem tropeçar na ilusão da completude, a gênese deste artigo trouxe nossa consideração acerca da necessidade de uma base teórica para superar o empirismo na delimitação dos fatos e que só se adere à cientificidade pelo conhecimento. Com a proposta de apresentar as noções basilares de nossa filiação teórica e como elas se relacionam, dentre as noções que se traduzem em arcabouço teórico, apontamos a noção de língua na perspectiva da Análise do Discurso: entrelaçada à exterioridade e concebida como uma materialidade que constrói, que produz sentidos na relação do sujeito com o ideológico e o histórico, em um sistema em constante movimento, logo, passível de falhas, de equívocos como fatos estruturantes, de deslizos.

Também vimos o que são os processos fonológicos e quais ocorrências foram mais comuns na produção do entrevistado em português brasileiro, e ratificamos que essa é uma análise embrionária e não se esgota aqui. Consideramos o estudo dos processos fonológicos fundamental para a (in)formação do docente que atua na formação de professores de língua e do docente que atua como professor de língua, seja no nível Fundamental, Médio ou no Ensino Superior. A análise dos dados do corpus, por apresentar sistematicidade, propicia reflexões ao pesquisador e pode contribuir com a compreensão de aspectos fonológicos, por conseguinte, em nosso humilde entendimento, o estudo dos processos fonológicos é pertinente e relevante para o linguista.

Por fim, compreendemos que a noção de língua da Análise do Discurso, imbricada e entrelaçada à teoria da Fonologia, auxilia a corroborar que é impossível tamponá-la, que é fluida e abarca deslizos constitutivos e está em constante evolução: uma língua que não se deixa imobilizar. Assim, este estudo auxiliou a compreensão de que as línguas são dinâmicas e não cabem nas coerções das normas, pois se constatou a ocorrência de muitos processos fonológicos a partir do corpus analisado. Nesse entremeio, inferimos que o en(tre)lçamento dessas áreas do conhecimentos pode contribuir com a luta contra o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 11-80.
- CAMARANI, A. L. S. Charles Nodier: em busca do texto definitivo. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 4-5, 2004.
- CAMARANI, A. L. S. **Os Problemas da Tradução Literária**: La Fée aux Miettes de Charles Nodier, paper, 2009.
- DIAS, L. F. O nome da língua no Brasil: uma questão polêmica. In: ORLANDI, E. P. **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: Unimat, 2001. p. 185-198.
- FERREIRA, M. C. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.
- FURLANETTO, M. M. Do discurso monológico da consciência aos gêneros do discurso. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 301-324, 2010.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Tradução: Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. 2. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2010.
- HENRY, P. Sentido, sujeito, origem. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Discurso fundador**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 151-162.
- LORENSET, R. B. C. A noção de língua para a análise de discurso. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 4, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2013.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

- ORLANDI, E. P. (org.). **Discurso fundador**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. P. Ética e Política Linguística. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP: Pontes Editores, v. 1, n. 1, p. 7-22, 1998.
- ORLANDI, E. P. **Língua brasileira e outras histórias**: discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas, SP: Editora RG, 2009.
- ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- ORLANDI, E. P.; SOUZA, T. C. C. de. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Política linguística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- PAYER, M. O. **Memória da língua. Imigração e nacionalidade**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PFEIFFER, C. C. **Bem dizer e retórica**: um lugar para o sujeito. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- SCHERER, A. E. **A constituição do eu e do outro pela interpelação da língua pela língua na história do sujeito**. Porto Alegre: UFRGS/CD II SEAD, 2005.
- SEARA, I. *et al.* **Para conhecer Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- VELOSO, C. **Letra só; sobre as letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ZOPPI-FONTANA, M. O português como língua transnacional. In: ZOPPI-FONTANA, M. (org.). **O português do Brasil como língua transnacional**. Campinas, SP: Editora RG, 2009. p. 13- 41.

